

Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um *Continuum*? Pequeno Estudo de Casos

Carlos Alexandre Victorio Gonçalves*

Resumo: Constitui objetivo deste trabalho repensar as diferenças entre composição e derivação, de modo a fornecer evidências do português brasileiro em favor da proposta de Kastovsky (2009). Para o autor, esses processos de formação de palavras constituem os extremos prototípicos de um *continuum*, havendo, em decorrência, casos limítrofes com propriedades das duas operações morfológicas. A mudança de estatuto morfológico também é avaliada no artigo, pois Bauer (2005) a considera uma das principais evidências da flexibilização das fronteiras entre composição e derivação.

Palavras-chave: Composição; Derivação; *Continuum*; Formas clássicas.

Abstract: The purpose of this study is rethinking the differences between compounding and derivation, in order to provide evidence of the Brazilian Portuguese in favor of the Kastovsky (2009)'s claim. For him, these word formation processes are the prototypical extremes of a morphological continuum, with, consequently, borderline cases with morphological properties of these operations. The morphological change is also treated in the paper, because Bauer (2005) considers it the main evidence of the relaxation of the boundaries between compounding and derivation.

Keywords: Compounding; Derivation; Continuum; Classical forms.

1. Introdução

Constitui nosso objetivo, neste trabalho, repensar as diferenças entre composição e derivação, de modo a fornecer evidências do português brasileiro em favor da proposta de Kastovsky (2009). Para o autor, esses processos de formação de palavras constituem os extremos prototípicos de um *continuum*, havendo, em decorrência, casos limítrofes com propriedades das duas operações morfológicas.

Mais especificamente, procuramos mostrar que a mudança morfológica, tal como apontam, entre outros, Bauer (2005), Petropoulou (2009) e Ralli (2008), constitui um dos principais indicadores de um *continuum* composição-derivação, já que afixos podem originar-se de palavras ou radicais presos, revelando que, diacronicamente, itens

* Professor Associado II da Universidade Federal do Rio de Janeiro / Pesquisador do CNPq.

morfológicos nem sempre preservam seu estatuto original. Neste artigo, procuramos mostrar que muitos dos chamados “radicais eruditos” (CUNHA, 1975; LUFT, 1978) – sobretudo os encontrados predominantemente na segunda posição, como -logo, -latra, -grafo, -metro e -dromo – vêm formando séries de palavras e se comportado como sufixos no português contemporâneo (pelo menos na variedade brasileira). Destacamos, ainda, que a existência de uma série de processos morfológicos de difícil categorização, como as formações a partir de *splinters*, a exemplo de -trocínio (‘paitrocínio’, ‘capestrocínio’, ‘irmãotrocínio’) e -drasta (‘mãedrastra’, ‘avódrastra’, ‘tiadrastra’) corrobora a proposição de um *continuum* composição-derivação.

O trabalho é dividido da seguinte maneira: em primeiro lugar, refletimos sobre as principais diferenças entre composição e derivação, tomando por base recentes propostas de tratamento para o binômio na literatura linguística contemporânea. Logo após, apresentamos as ideias de Kastovsky (2009) e de Bauer (2005) e os dados do português que reforçam a escalaridade entre as duas operações aqui focalizadas. Na sequência, trazemos evidências históricas de mudança no estatuto morfológico dos cinco “radicais eruditos” já referidos – -logo, -grafo, -latra, -metro e -dromo. Por fim, mostramos as vantagens de analisar composição e derivação como *polos* de um *continuum*, enfatizando que essa proposta é extremamente promissora e encontra guarida na morfologia do português.

2. Sobre as principais diferenças entre composição e derivação

De um modo geral, entende-se a composição como um processo que combina palavras ou radicais para formar um item morfológicamente complexo, enquanto a derivação requer a presença de um afixo¹. Tradicionalmente, ambos os mecanismos são vistos como processos de formação de palavras, mas há, na literatura, abordagens que consideram a composição um processo radicalmente distinto da derivação. Anderson (1992), por exemplo, alega que compostos apresentam estrutura interna acessível à sintaxe e, por isso mesmo, não constituem objeto de estudo da morfologia.

¹ Exceto nos casos de conversão, subtração ou mudança na constituição fonológica de uma palavra-matriz.

Reação à ideia de que compostos e derivados são estruturalmente distintos e formados em diferentes partes da gramática é encontrada em simpatizantes da chamada fonologia lexical (KIPARSKY, 1982; BOOIJ & RUBACH, 1984). De um modo geral, resultados de pesquisa nessa perspectiva de investigação vêm demonstrando que as duas operações são processadas num mesmo componente, o léxico, sendo tanto afixos quanto raízes parte das entradas lexicais e ponto de partida para a aplicação de regras fonológicas.

Numa outra linha teórica, igualmente radical, Singh (1997) defende que não há diferenças entre composição e derivação, sendo ambos os processos (a) instâncias da formação de palavras e, em decorrência, (b) governados pelas mesmas regras ou padrões. Uma posição mais fraca é assumida por autores como Naumann & Vogel (2000), Bauer (2005) e Booij (2005), os quais argumentam que, apesar de diferentes, derivação e composição nem sempre são facilmente distinguíveis, pois suas fronteiras são maleáveis de ambos os lados. Essa proposta baseia-se na existência de categorias não-nucleares, que podem ser classificadas como afixos marginais ou radicais marginais, por exibirem propriedades tanto de afixos quanto de lexemas.

Em algumas abordagens, elementos desse tipo foram considerados pertencentes a uma classe diferente, situada entre lexemas e afixos. Tais formativos foram denominados de afixoides (MARCHAND, 1969), semi-palavras (SCALISE, 1984), semi-afixos (SCHMIDT, 1987) ou pseudo-afixos (KATAMBA, 1990)². Ten Hacken (2000: 355) aponta que “o aumento na produção de novas formas e a diminuição da especificidade semântica fazem com que afixoides se assemelhem a afixos; por outro lado, sua vinculação a uma forma livre os aproxima dos radicais”.

No nosso entendimento, a postulação de afixoides, por si só, evidencia a imprecisão e a maleabilidade das fronteiras entre composição e derivação. Dito de outra maneira, afixóides constituem um recurso descritivo válido para segregar os dois

² À luz de seus constituintes, o termo afixoide remete para algo “semelhante a um afixo”, o que implica afirmar que essa entidade partilha de certas semelhanças com um afixo, ao mesmo tempo em que ostenta diferenças em relação a esse elemento morfológico. Em linhas bem gerais, afixoides são formas que, de acordo com Booij (2005), parecem partes de um composto e podem ocorrer como lexemas, mas apresentam um significado mais geral e podem aparecer em séries de palavras, a exemplo de ‘filo’, ‘multi’ e ‘hetero’, entre tantos outros. Já há algum tempo, Duarte (1999; 2008) vem analisando o estatuto dos prefixoides em português.

processos, independentemente de formarem ou não uma classe separada³. A existência desse tipo de entidade levou Booij (2005) a propor que composição e derivação recebam o mesmo tipo de tratamento, lançando, então, as bases de um novo modelo de análise, a morfologia construcional, abordagem amplamente descrita em seu recente livro, *Construction Morphology* (BOOIJ, 2010).

Aplicando os postulados da gramática das construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2000) à morfologia, Booij (2005; 2007) discute a dicotomia composição/derivação e observa que a distinção é questionável, entre outras razões, porque formativos podem não preservar seu estatuto morfológico ao longo do tempo. O autor apresenta uma série de casos de transição radical-afixo e afixo-radical em várias línguas e, com base na discussão de casos fronteiros, faz o seguinte questionamento: composição e derivação são processos distintos ou representam os extremos prototípicos de um mesmo mecanismo de formação de palavras? Embora não forneça uma resposta à questão, Booij (2007) explicitamente se posiciona contra a tese de que a composição se processa num componente gramatical diferente do da derivação, mesmo porque, no âmbito da linguística cognitiva, corrente teórica a que a morfologia construcional se filia, não há separação entre léxico e gramática (LANGACKER, 1987).

Na gramática das construções (GOLDBERG, 1995), as unidades linguísticas são estruturas simbólicas convencionais. Desse modo, não há diferença substancial, por exemplo, entre palavras derivadas (sapat-eiro), compostos (baba-ovo) e expressões semi-abertas (dar uma X-da), uma vez que todas essas unidades, que são complexas, podem, igualmente, ser analisadas, em suas estruturas de formação, por meio de esquemas construcionais. Mostra-nos Basílio (2010: 20-21) que

deixa de ser crucial a questão de determinar, por exemplo, se um composto é ou não uma palavra; ou se uma construção é composta ou prefixada: em todos os casos, trata-se de unidades simbólicas complexas convencionais, cujas propriedades comuns podem ser representadas em esquemas construcionais, desde os mais especificados, como [[Xizar]v-ção]_n até os mais abstratos como [N-N]_n.

³ Na verdade, afixoides exemplificam um típico caso de gramaticalização, já que envolvem a transição de itens morfológicos da condição de radicais/palavras à condição de morfemas gramaticais. Com base em Lehmann (1982; 1991), podemos afirmar que a mudança semântica já tomou seu lugar, apesar de a mudança formal ainda não ter se concretizado: nesse tipo de entidade, nem sempre se observa o que o autor chama de enfraquecimento fonológico.

Examinemos, agora, dois dos principais critérios usados para distinguir composição de derivação: (a) o tipo de unidade que participa de um item morfológicamente complexo e (b) a posição que esse item ocupa no interior da palavra. É tacitamente aceita a ideia de que a composição envolve itens livres (FABB, 1998), que podem aparecer tanto à esquerda quanto à direita de uma base. Ao contrário, afixos são formas presas que obedecem a rígidas restrições posicionais (SCALISE, 1984; KATAMBA, 1990; CORREIA & LEMOS, 2005): prefixos antecedem as bases, enquanto sufixos categoricamente as sucedem⁴.

O critério posição confere estatuto de radicais a formativos que participam dos chamados “compostos neoclássicos“, uma vez que, nessas construções, há elementos que podem aparecer tanto à esquerda quanto à direita. Tal é o caso dos exemplos em (01), a seguir, nos quais se observa um mesmo item morfológico (em itálico) ora iniciando a palavra, ora precedendo o sufixo -ia, localizando-se, pois, mais à direita:

- (01) *fonética* / telefonia
democrata / epidemia
filósofo / pedofilia
grafismo / taquigrafia
antropônimo / filantropia

Martinet (1979) denominou de “confixos”⁵ os elementos sem posição pré-determinada na estrutura da palavra, como os apresentados em (01). O critério mobilidade posicional, portanto, nos levaria a categorizar tais constituintes como radicais, já que verdadeiros afixos não mudariam de lugar. A posição no interior da

⁴ Como observa Gonçalves (2009), desde o surgimento da morfologia prosódica, argumenta-se que a distribuição de morfemas nas línguas naturais pode ser afetada pela estrutura prosódica. McCarthy & Prince (1993) mostram que infixos não constituem categorias morfológicas primitivas, sendo reflexos de prefixos e sufixos forçados a ocupar posições mais internas, como alternativa mais viável para não violar alguma restrição prosódica. Um exemplo clássico é o do Tagalog. Nessa língua malaio-polinésia, há formas em que o afixo um- atua como prefixo, anexando-se à esquerda das bases (‘íbig’ >> ‘um-íbig’; ‘asím’ >> ‘um-asím’). Em dados nos quais a base se inicia por consoante, um- é jogado para a posição medial, funcionando como infixo (‘bilí’ >> ‘b-um-íli’; ‘lurá’ >> ‘l-um-urá’; ‘grádwet’ >> ‘gr-um-ádwet’).

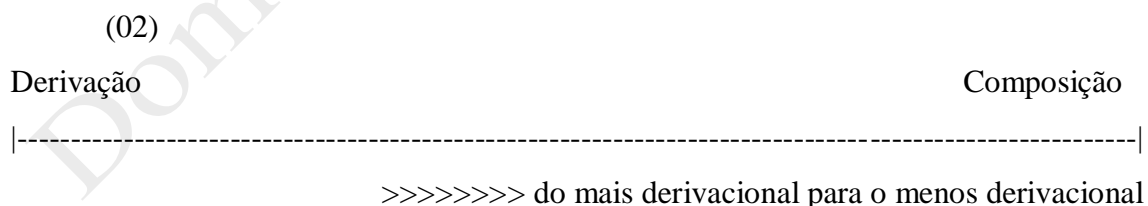
⁵ Para Martinet (1979), confixos são elementos que gradualmente adquirem característica de sufixo, mas, em decorrência da oscilação posicional, são considerados uma categoria à parte. A utilização de uma forma com a sequência -fixo para nomear essas entidades evidencia que o autor considera tais elementos como formas a caminho da derivação.

palavra, entretanto, não é considerada um critério 100% seguro. Autores como Iorgu & Manoliu (1980: 446) se apoiam em argumentos históricos para mostrar que a existência de formas com um sufixo aparecendo na posição de radical é evidência de que se processou uma mudança no estatuto de tais elementos.

Bauer (2005) vê na mudança morfológica a principal base empírica de sua proposta. Para ele, são tênues os limites entre composição e derivação, pois inúmeros prefixos e sufixos se originaram de radicais ou palavras que tendiam a aparecer, respectivamente, à esquerda ou à direita numa construção não necessariamente morfológica. Na conclusão de seu trabalho, Bauer (2005: 107) faz a seguinte afirmação:

O problema não está na distinção entre composição e derivação – definidas a partir da oposição palavras/afixos obrigatoriamente presos; nesse sentido, tudo funciona bem. O problema está em certos elementos terem ou deixarem de ter estatuto compatível com uma outra categoria: formas que ocorrem na segunda posição em compostos, preposições / advérbios que se comportam como prefixos, morfemas únicos em processo de independência, pedaços de palavras ascendendo ao status de afixo.

Bauer (2005) nos mostra que composição e derivação se interrelacionam de diversas maneiras, apesar de envolverem diferentes unidades de análise. Como Kastovsky (2009), acreditamos que essas operações morfológicas são os polos prototípicos de uma escala, havendo, por isso mesmo, casos claramente analisáveis como compostos ou derivados e outros mais difusos, que transitam ao longo de um *continuum* como o formalizado em (02), a seguir⁶:



⁶ A ideia de *continuum* entre as operações morfológicas não é nova em morfologia. Bybee (1985) foi, até onde se conhece, a primeira a atentar para essa possibilidade, descrevendo a flexão como processo gradiente. Uma aplicação da proposta de Bybee (1985) para o português foi feita em Piza (2001) e em Gonçalves (1999; 2005; 2011). Guardadas as devidas proporções, as assunções de Kastovsky (2009) se assemelham bastante às de Bybee (1985).

Para implementar uma proposta que relativize as diferenças entre composição e derivação, é necessário operar com um conjunto pré-determinado de atributos que se apliquem aos casos mais emblemáticos. No quadro a seguir, sistematizamos, a partir do que se encontra na literatura especializada, as principais características das composições e derivações mais prototípicas. Obviamente, tais diferenças devem ser consideradas como tendências gerais dos dois processos e não como uma verdade absoluta sobre o estatuto morfológico de formativos:

(03)

	Composição	Derivação
As unidades	Radicais Palavras	Afixos
	Lexemas autônomos Formas encurtadas, presas, que remetem a palavras	Elementos de fronteira (formas presas que não correspondem a palavras)
Características estruturais	Unidades com posição não necessariamente fixa na estrutura da palavra	Unidades definidas por uma posição pré-determinada na estrutura da palavra (à esquerda ou à direita)
	A variável lexical utilizada é predominantemente a palavra	A variável lexical utilizada é predominantemente o radical
	Cabeça lexical à direita ou à esquerda	Cabeça lexical à direita
	Possibilidade de existir relação de coordenação entre constituintes	Ausência desse tipo de relação
	Possibilidade de flexão entre constituintes	Flexão periférica
Característica fonológica	Realização em mais de uma palavra prosódica	Realização em uma única palavra prosódica
Características semânticas	Expressa um significado lexical	Manifesta um conteúdo gramatical ou funcional
	Pode ser endocêntrica ou	Predominantemente endocêntrica

	exocêntrica	
Produtividade e produção	Forma conjuntos mais fechados de palavras (é mais <i>ad hoc</i>)	Forma conjuntos mais completos de palavras (é mais regular)
	Caracteriza grande número de formas manufaturadas	Produz palavras em série

Se interpretarmos tais diferenças como características das formações inquestionavelmente derivadas ou compostas, teríamos em ‘peixe-boi’ um exemplo de composição prototípica e em ‘saleiro’, um caso claro de derivação. Por outro lado, caso encaremos tais diferenças como atributos/ferramentas para auxiliar na categorização, certamente estaríamos diante de uma situação de fronteira em dados como ‘eletro-choque’, ‘auto-peças’, ‘tiotrocínio’ e, por que não dizer, ‘felizmente’ e ‘pãezinhos’. Tais construções apresentam características que as aproximam e as afastam dos representantes mais modelares desses dois processos de formação de palavras.

Considerando a existência de um *continuum* entre as operações morfológicas, tal como sugeriu pioneiramente Bybee (1985), podemos entender melhor o comportamento de processos de formação de palavras difíceis de categorizar em português, como a combinação truncada (‘caipifruta’, ‘caipivodka’, ‘caipissuco’), a substituição sublexical (‘mãedrastra’, ‘irmãdrastra’, ‘sogradrastra’) e a recomposição (‘auto-peças’, ‘auto-escola’, ‘auto-tecnologia’). Esses processos recebem mais acolhida na abordagem aqui defendida. Vejamos por que razões, analisando, em primeiro lugar, os fenômenos de fusão vocabular referidos (ALMEIDA & GONÇALVES, 2004; BASÍLIO, 2005): a combinação truncada e a substituição sublexical.

Na fusão vocabular, uma nova palavra é criada (a) por entranhamento de duas bases (‘lixeratura’, ‘crentino’, ‘crionça’), (b) pela combinação de partes não-morfêmicas de duas palavras (‘portunhol’, ‘brasiguaio’, ‘vagaranha’) ou (c) pelo encadeamento de um pedaço de uma base com uma palavra inteira (‘forrogode’, ‘showmício’, ‘ovonese’). Um fato interessante nesse fenômeno, já apontado em Andrade (2008) e analisado com mais vagar em Gonçalves, Andrade & Almeida (2010), é a possibilidade de uma das partes se envolver em novas formações e adquirir *status* morfológico pela frequência de uso.

Um exemplo já clássico na literatura é o de *-gate*, analisado com detalhes em Bauer (2005), mas comentado por vários outros morfólogos (p. ex., KATAMBA, 1990; KEMMER, 1996), inclusive brasileiros (BASÍLIO, 1997; FURTADO, 2011). A forma *-gate*, apesar de equivaler a uma palavra em inglês, é inteiramente desprovida de significado em ‘Watergate’, forma de onde se originou. ‘Watergate’ é um complexo de escritórios e apartamentos localizado em Washington. Tornou-se famoso, na década de 1970, após o assalto que levou ao histórico escândalo de corrupção envolvendo o então presidente Richard Nixon. Devido à grande repercussão do caso, que inclusive culminou na renúncia do presidente, a forma *-gate* passou a denominar escândalo e, ao se anexar a nomes próprios, criou inúmeras novas formas em inglês, a exemplo de ‘Irangate’, ‘Bushgate’, ‘Monicagate’ e ‘Dakotagate’. Várias palavras em *-gate* foram criadas em português e até hoje, quatro décadas depois do caso, essa forma ainda é utilizada em nossa língua, principalmente na escrita. A título de exemplificação, vejamos os dados abaixo, todos extraídos da *internet*:

(04)

- a) *Banheiro gate*: escândalo vergonhoso para os aldeenses. A presidência da Câmara Municipal resolveu quebrar a parede de vários gabinetes para juntá-los, diminuindo o número de 15 para 10 unidades, dotar esses gabinetes de um banheiro privativo com chuveiro para os vereadores.
- b) Foram vários, mas o caso mais vergonhoso foi o *Piquet-gate*. A fórmula 1 infelizmente é marcada por corrupção.
- c) O escândalo, apelidado de “*Panetone Gate*”, caiu na graça de blogueiros, redes sociais e sites de protestos. Também pudera: maconha em panetone...
- d) A Justiça os considera envolvidos no “escândalo da maleta”, também ironicamente chamado de *Maleta-gate*

O caso de *-gate* é semelhante ao das seguintes partículas recorrentes no português do Brasil: *-lé*, de ‘picolé’, *caipi-*, de ‘caipirinha’ e, principalmente, *-trocínio*, de ‘paitrocínio’, e *-drasta*, de ‘mãedrasta’. Vejam-se os dados em (05), a seguir:

(05)

picolé	caipirinha	patrocínio	madrasta
sacolé	caipifruta	paitrocínio	mãedrasta
sucolé	capivodka	avôtrocínio	irmãdrasta

caipilé

caipilé

autotricínio

paidrasto

Modernamente, constituintes como -trocínio e -drasta vêm sendo denominados de *splinters* (BAUER, 2005). Em linhas gerais, *splinters* são pedaços de palavras utilizados com fins lexicais e geralmente resultam de processos de fusão vocabular (cruzamentos ou substituições sublexicais). No português do Brasil, há outros casos de *splinters*, além dos exemplificados em (05), como -lândia, que aparece em várias formações designando lugar ('brizolândia', 'cracolândia' e 'empregolândia'), e -asta, forma que atualiza o significado de quem produz ('cineasta', 'videasta' e 'remakeasta').

Para refletirmos um pouco mais sobre a natureza dos *splinters*, analisemos o caso de -drasta, parte da palavra 'madrasta' identificável após a incorporação do item 'mãe' na substituição sublexical 'mãedrasta' ("madrasta tão zelosa quanto uma mãe"). A menor estabilidade das relações afetivas nas sociedades modernas acaba originando parentescos indiretos, não sendo incomuns, nos dias de hoje, famílias constituídas de pais com filhos de outro(s) matrimônio(s). Assim, criam-se, por exemplo, irmãos de pais e mães diferentes e, em decorrência, tios e tias emprestados, além de outros tipos de avós e primos. Essa nova experiência de vida acaba se refletindo na língua. O *splinter* -drasta vem se adjungindo à direita em novas formações lexicais e "batizando" modernas relações de parentesco, como 'tiadrasta' ("irmã da madrastra") e 'avódrasta' ("mãe da madrastra"). A título de exemplificação, observe-se o exemplo em (06), a seguir, no qual aparece um claro contraste entre 'sogra' ("mãe do cônjuge") e 'sogradrasta' ("madrasta do cônjuge")⁷:

(06) Estou com um problema sério no meu casamento. Queria que meu lindinho entrasse com minha sogradrasta, que eu adoro de montão, mas vai pegar mal. Vou acabar tendo que engolir mesmo é minha sogra. Tenho que arrumar um jeito de dar destaque para minha sogradrasta. Afinal de contas, ela já está com meu sogrinho há mais de 15 anos...

Splinters se assemelham a radicais ou a palavras, mas ostentam propriedades mais características de afixos, como a alta produção lexical (CORREIA & LEMOS, 2005; SANDMANN, 1989), o fato de serem formas presas (IORGU & MANOLIU,

⁷ Ressalte-se, ainda, a possibilidade de essa forma variar no masculino, independentemente de o novo parente ser membro da família do padrasto ou da madrastra. Por exemplo, 'primodrasto' pode ser usada em referência ao sobrinho da madrastra ou do padrasto.

1980) e a fixação à esquerda (caipi-) ou à direita nas construções de que participam (-lândia, -trocínio, -lé). Por esses motivos, afastam-se do polo direito do *continuum*, não sendo considerados, em consequência, composições prototípicas. No entanto, a realização em mais de uma palavra prosódica (PIÑEROS, 2000), como acontece com -drasta e -trocínio, e a vinculação a palavras, por evocação às formas de onde partiram nas fusões vocabulares, afastam a possibilidade de analisá-las como derivadas. Tem-se, aí, portanto, caso claro de fronteira derivação-composição.

Bauer (2005) observa que *splinters* podem ter três destinos diferentes: (a) desaparecer por completo, deixando vestígios ou não, (b) tornar-se afixos produtivos ou (c) adquirir estatuto de palavras independentes. Essa última situação, acredita o autor, teria acontecido com ‘búrguer’, originalmente uma reanálise de ‘hambúrguer’. Bauer (op. cit.: 245) assim se posiciona em relação aos *splinters*:

Uma vez que splinters podem se transformar em afixos ou palavras, parece que temos uma situação em que não está claro se as novas formas serão derivados ou compostos. A terminação -scape emergiu de landscape e pode exemplificar o caso em apreço. Embora o Dicionário Oxford liste casos em que -scape é utilizado de forma independente, pode haver dúvida quanto ao seu estatuto como uma palavra agora. Por outro lado, se acreditamos no Dicionário Oxford, -cade tornou-se um afixo.

Outro processo que, no nosso entendimento, atua nos limites entre a composição e a derivação é a chamada recomposição, mecanismo pelo qual se cria um composto a partir de um truncamento de outro⁸. Nas novas formações, entretanto, a base, numa espécie de metonímia formal, remete à acepção do composto que lhe deu origem, afastando-se, com isso, de seu significado original. É o que acontece, por exemplo, com foto-, de ‘fotografia’, em formações como ‘foto-montagem’ e ‘foto-novela’. Nessas palavras, foto- é utilizada em referência a ‘fotografia’, não atualizando a acepção primeira de “luz”, “radiação magnética”. Recomposições bastante usuais no português contemporâneo se utilizam de formativos como tele-, de ‘televisão’ ou ‘telefone’, auto-, de ‘automóvel’, moto-, de ‘motocicleta’, e eco-, de ‘ecologia/ecológico’:

⁸ Truncamento (do inglês *clipping*) é o processo pelo qual formas sofrem encurtamento, a exemplo de ‘telefone’ >> ‘tele’ e ‘salafração’ >> ‘salafra’. Para autores como Scalise (1984) e Booij (2005), o truncamento pode envolver a criação de afixoides, caso a forma diminuta se torne recorrente. Entendemos que a recomposição é um processo em que a parte truncada adquire o significado de todo o composto de base presa de onde se desprende.

(07)

tele-novela	auto-peças	moto-táxi	eco-turismo
tele-denúncia	auto-escola	moto-boy	eco-casa
tele-atendimento	auto-esporte	moto-link	eco-resort
tele-dramaturgia	auto-anúncio	moto-ladrão	eco-atitude

Sem dúvida alguma, formas morfológicamente relacionadas por recomposição, como as listadas em (07), são bem mais numerosas na língua que palavras envolvendo *splinters*. Ferreira (2010) chegou a recolher o surpreendente montante de quase 450 construções tele-X. Embora o número de formas com auto- e moto- seja menor, também chama atenção a quantidade de recompostos com essas formas que Belchor (2010) conseguiu reunir: cerca de 100 exemplares. Se assumirmos, com Sandmann (1985), por exemplo, que a produção em série caracteriza a derivação, mas não necessariamente a composição, certamente deslocaremos a recomposição do lado direito do *continuum* – o das composições mais típicas. No entanto, os constituintes de um recomposto claramente se realizam em palavras prosódicas diferentes, entre outros fatores, pela abertura das médias no primeiro formativo. Além disso, a paridade entre forma truncada e forma plena indicia o processo de composição (DUARTE, 2008). Por fim, um tipo de estrutura sintática pode favorecer a não-realização de uma primeira base, quando duas formações são postas em paralelo. É o que se vê em (08), a seguir:

(08)

tele- e auto-atendimento
foto- e tele-novela
auto- e moto-montagem
moto- e aero-modelagem

O comportamento dos recompostos em (08) se assemelha ao das formações em -mente ('livre e continuamente'; 'linda e assustadoramente'), o que nos levaria a afirmar, por esse e por outros motivos, que as construções X-mente não constituem um caso modelar de afixação. Passemos, por fim, à descrição do que Bauer (2005) considera prova mais contundente da falta de demarcação rígida entre composição e derivação: a mudança morfológica.

3. Gramaticalização: evidência da flexibilização de fronteiras

Processos de gramaticalização evidenciam a possibilidade de transitar da composição para a derivação, sendo bastante numerosos os exemplos históricos desse percurso nas línguas naturais (JOSEPH, 1998). Um caso já clássico desse tipo de mudança em português e nas demais línguas neolatinas é o de *-mente*, hoje sufixo formador de advérbios a partir de adjetivos. Em latim, estruturas *X-mente* tinham estatuto de composição sintagmática, visto que o elemento à direita figurava como forma livre na língua (um substantivo feminino) e era depreendido como tal nas construções de que participava. Relata-nos Alves (1987) que a enorme produção de novas formas fez com que *-mente* passasse a funcionar como sufixo. A esse propósito, comenta a autora (1987; 35):

Em latim, a partícula **mente**, substantivo, fazia parte de formações compostas: *bona mente*, *fera mente*. A partir do momento em que passou a juntar-se a adjetivos, como em ‘rapidamente’, ‘recentemente’, perdeu a significação e o valor substantivo e, de termo componente, passou a funcionar como sufixo criador de advérbios.

Gramaticalização semelhante à de *-mente* vem ocorrendo, no nosso entendimento, com alguns radicais gregos adjungidos à direita. Construções agentivas e instrumentais terminadas em *-logo* (‘arqueólogo’), *-grafo* (‘coreógrafo’), *-latra* (‘chocolatra’) e *-metro* (‘olhômetro’), bem como as formações locativas finalizadas em *-dromo* (‘camelódromo’), reforçam a proposta de *continuum* composição-derivação, fornecendo evidência empírica em favor da proposta de Bauer (2005).

A seguir, analisamos esses formativos desde sua entrada na língua até os dias atuais. Para tanto, utilizamos, como fontes de informações diacrônicas, compêndios de gramática histórica (SAID ALI, 1966; COUTINHO, 1968), manuais de filologia e linguística portuguesa (LAPA, 1971; CHAVES DE MELO, 1981) e, principalmente, dicionários etimológicos (NASCENTES, 1955; MACHADO, 1967; COROMINAS, 1987; BUENO, 1988; CUNHA, 1994) e dicionários morfológicos (GOÉS, 1937; GOÉS, 1945; HECKLER *ET AL.*, 1981).

Os dados que embasam a análise foram recolhidos de dicionários eletrônicos (AURÉLIO, 1999; MICHAËLLIS, 2007; HOUAISS, 2001; AULETE, 2009), através

de ferramentas de busca encontradas nas próprias obras; posteriormente, com o objetivo de chegar ao maior número possível de formações recentes, utilizamos os rastreadores eletrônicos *google* e *yahoo*, conseguindo, com isso, extrair dados de *blogs*, *chats* e *posts* nas redes sociais, como o *orkut* e o *facebook*⁹.

4. O comportamento dos formativos tomados para análise

Apresentamos, a seguir, (a) a visão de alguns gramáticos, dicionaristas e morfólogos do português sobre a composição de base presa, com ênfase nos formativos tomados para análise (-logo, -grafo, -latra, -metro e -dromo); (b) uma breve investigação histórica sobre esses elementos; (c) indícios de seu comportamento como sufixos no português brasileiro; (d) modificação no significado prototípico de todos esses elementos formais; e, por fim, (e) seu possível posicionamento no *continuum* derivação-composição, segundo os critérios empíricos que reunimos no quadro em (03).

As gramáticas tradicionais são unânimes na alegação de que o processo de formação de palavras que envolve a utilização dos formativos gregos -logo, -latra, -grafo, -metro e -dromo é tipicamente a composição. Cunha & Cintra (1985: 107-110) observam que palavras formadas por tais “radicais” são compostos eruditos resultantes da associação morfossintática de duas bases; ressaltam, ainda, que esses elementos ocorrem preferencialmente na segunda posição.

Campos (1935) mostra que a nomenclatura científica, técnica e literária é basicamente constituída de palavras formadas pelo modelo de composição greco-latina, no qual o primeiro radical é determinante do segundo, a exemplo do que se observa nos dados em (09), a seguir:

(09)

pneumólogo	saurógrafo	idólatra	hipódromo	cronômetro
teatrólogo	taticógrafo	alcólatra	velódromo	centímetro

⁹ A recolha dos dados se deu durante o período de junho a dezembro de 2010 e contou com a participação dos seguintes bolsistas de iniciação científica: Anne Karenine Guimarães Nascimento, Clarice Barcellos dos Santos Azevedo, José Augusto de Oliveira Pires, Karla Cristina dos Santos Klotz, Luciana Regina Cerqueira de Melo e Thaianes Santos Espíndola. Uma coleta menos sistemática foi feita, paralelamente, a partir de fontes diversas: jornais e revistas de grande circulação nacional, como o *Jornal do Brasil* e a revista *Veja*, além de dados ouvidos em diferentes situações de interação linguística, como conversas informais e programas de televisão. O projeto se encontra em andamento e os jovens pesquisadores vêm desenvolvendo estudos individuais sobre cada desses elementos morfológicos.

africanólogo	fotógrafo	pirólatra	canódromo	volúmetro
geógrafo	geógrafo	hipnólatra	autódromo	barômetro

Pelas descrições encontradas nas gramáticas, as formações em análise teriam, todas, pelo menos uma propriedade que as aproximaria da derivação: o fato de a cabeça lexical sempre figurar à direita. Três deles – -logo, -latra e -dromo – são formas claramente presas, possuindo, assim, mais uma característica das derivações mais ordinárias; -metro, ao contrário, corresponde a uma palavra, o substantivo ‘metro’ (“unidade de medida”), tendo, por isso mesmo, estatuto maior de lexema. Numa posição intermediária parece estar -grafo, que, apesar de não ser uma palavra, no sentido estrito do termo, manifesta um conteúdo mais lexical, talvez em função da alta frequência de formas como ‘grafar’ e ‘grafia’.

O critério posição também foi indiretamente aludido por Cunha & Cintra (1985). Considerando esse parâmetro, igualmente haveria distinção entre os formativos, pois -metro, -grafo e -logo seriam interpretados como radicais por também aparecem à esquerda, como se vê em (10), diferenciando-se, com isso, de -dromo e -latra, sempre adjungidos à direita:

(10)

métrico	logosfia	grafar
metragem	logomania	grafema
metrista	lógica	grafia

Já tivemos oportunidade de ressaltar que a variação posicional é um critério questionado, entre outros estudiosos, por tem Hacken (2000) e Warren (1990). Para esses autores, dados como os apresentados em (10) corroboram o processo de gramaticalização.

Delinear o caminho percorrido pelos formativos sob suspeição, desde sua entrada na língua até a atualidade, não é tarefa das mais fáceis, mas uma abordagem dessa natureza é imprescindível para checar uma eventual mudança de *status* morfológico. Foi o que tentamos fazer, sem grandes pretensões na área, pois sabemos do rigor que uma pesquisa dessa envergadura requer em termos metodológicos. Nessa

empreitada, baseamo-nos, fundamentalmente, (a) no depoimento de gramáticos históricos, (b) nas datações apontadas pelos dicionários etimológicos e, sobretudo, (c) no comportamento estrutural das formações mais antigas, quando comparadas às mais novas.

Cunha (1994) apresenta -grafo, -logo, -latra, -dromo e -metro como elementos de composição formadores de vocábulos na própria língua grega. Destaca, além disso, que esses formativos foram introduzidos na linguagem científica internacional a partir do século XIX, a exemplo de ‘barômetro’, ‘egiptólogo’, ‘pirólatra’, ‘taquígrafo’ e ‘acródromo’. Formas mais antigas com essas terminações foram importadas para o português no Renascimento, entre os séculos XV e XVII. Tal é o caso, entre outras, de ‘idólatra’ (1572), ‘hipódromo’ (1667) e ‘epílogo’ (1566). Duas palavras em -logo, ‘prólogo’ e ‘diálogo’, são ainda mais antigas: datam dos séculos XII-XIII.

Com base na datação, podemos propor a seguinte linha temporal para os formativos em análise, considerando, para tanto, apenas as palavras nas quais ocupam a segunda posição:

(11)

<i>Século de ingresso</i>	<i>-logo</i>	<i>-grafo</i>	<i>-latra</i>	<i>-dromo</i>	<i>-metro</i>
Formas antigas (sécs. XII-XIII)	prólogo diálogo	-	-	-	-
Formas importadas no Renascimento (sécs. XV-XVII)	epílogo decálogo astrólogo catálogo	-	idólatra	hipódromo	-
Formas importadas na nomenclatura científica (séc. XIX)	alergólogo pneumólogo epidemiólogo biólogo	taquígrafo geógrafo biógrafo hagiógrafo	pirólatra litólatra	termos da botânica acródromo	centímetro barômetro altímetro aerômetro

<i>Século de ingresso</i>	<i>-logo</i>	<i>-grafo</i>	<i>-latra</i>	<i>-dromo</i>	<i>-metro</i>
Formas novas (sécs. XX-XXI)	museólogo sexólogo teatrólogo leprólogo	museógrafo siglógrafo tragediógrafo	todas as demais	todas as demais	bafômetro olhômetro

O quadro em (11) sugere que as formas passaram, em linhas gerais, por dois grandes momentos de importação direta: (a) até o século XVII, com ingresso via erudita, do grego ou do latim, e (b) no século XIX e primeiro quartel do século XX, com a utilização na linguagem científica internacional, sendo predominantemente emprestadas do francês e do italiano. A partir desse período, novas formas são criadas já em português, o que se evidencia, por exemplo, no tipo de base utilizado.

Até o século XX, palavras com as terminações em exame eram empréstimos. A maioria delas, por apresentar um radical preso na primeira posição, é extremamente opaca em termos estruturais, não havendo, adicionalmente, regularidade em relação ao significado, de modo a fornecer condições mínimas de isolabilidade das partes. Os dados a seguir, de -logo e -grafo, confirmam o que estamos afirmando:

(12)

prólogo	autógrafo
análogo	linógrafo
penálogo	polígrafo
antólogo	mimeógrafo
ictiólogo	geógrafo

A ampla utilização dessas terminações na nomenclatura científica, literária e filosófica, aliada à alta proliferação de formas com significado relacionado, parece ter fornecido condições mínimas para o reconhecimento da estruturação morfológica e, com isso, novos eruditismos foram criados, mas de maneira deliberadamente arquitetada, caracterizando o que podemos chamar, recorrendo a Sandmann (1985), de palavras manufaturadas. Tal fato parece ter levado (a) à fixação dos empréstimos no léxico, (b) à formação de palavras a partir de palavras e (c) à produção em série, o que

provavelmente engatilhou uma mudança no estatuto morfológico desses constituintes ainda no século XX.

No século XX, portanto, todos esses elementos aparecem vinculados a formas livres, deixando de se combinar apenas com radicais presos. Certamente por ação da analogia, fixa-se a vogal que antecede o formativo. Nas formas mais antigas, como se vê nos exemplos a seguir, em (13), não há regularidade nesse constituinte, tradicionalmente classificado como vogal de ligação. Nas mais novas, ao contrário, a vogal é sempre uma média posterior aberta, exceto nas construções X-metro, por conta da adjacência com uma nasal, como atestam os dados em (14).

(13)

	<i>-a</i>	<i>-ê, é</i>	<i>i</i>	<i>ô, ó</i>
<i>-logo</i>	análogo catálogo diálogo quincálogo decálogo		epílogo trílogo	heterólogo homólogo isólogo psicólogo rabdólogo
<i>-grafo</i>	parágrafo	telégrafo	calígrafo estratígrafo rafígrafo polígrafo postígrafo	corógrafo crisógrafo dactilógrafo mimeógrafo monógrafo
<i>-metro</i>	decâmetro diâmetro gigâmetro rotâmetro voltâmetro	marêmetro telêmetro	acustímetro aerímetro taxímetro aplaudímetro parquímetro	litômetro nefômetro optômetro pugliômetro sismômetro
<i>-latra</i>	-	-	-	estratólatra heliólatra ufólatra iconólatra
<i>-dromo</i>	-	-	-	hipódromo autódromo velódromo actinódromo

(14)

	<i>-ô</i>	<i>ó</i>
-metro	impostômetro, semancômetro, loucômetro, gasômetro, bafômetro,	-
-logo	-	sexólogo, futurólogo, pneumólogo, teatrólogo, lexicólogo
-dromo	-	sambódromo, fumódromo, camelódromo, boiódromo, kartódromo
-latra	-	cervejólatra, dinheirólatra, cinemólatra, globólatra, musicólatra
-grafo	-	oceanógrafo, biógrafo, oscilógrafo, sismógrafo, cardiógrafo

Os dados em (13) e (14) sugerem a fixação de um padrão: a vogal, outrora imprevisível e entendida como elemento relacional, passa a ser parte integrante dos formativos à direita. O acento na antepenúltima sílaba constitui, no nosso entendimento, outra característica do polo significante dessas construções. Lehmann (1991: 493) aponta os três efeitos da gramaticalização, destacados a seguir, em (15). Observe-se que todos se aplicam inteiramente às formações em exame:

(15)

1. passagem de um elemento mais lexical para um elemento mais gramatical;
2. perda de características fonológicas (erosão/atricção fonológica, mudança segmental ou suprasegmental) e semânticas (extensões polissêmicas);
3. diminuição da liberdade de manipulação do elemento, que se integra a um paradigma, tornando-se cada vez mais regular em certas construções e ocupando uma posição mais fixa.

As novas formações distanciam-se – e muito! – dos eruditismos mais antigos e experimentam novos usos, muitos dos quais até bastante populares, como comprovam os exemplos em (16), abaixo, em que as bases em nada lembram os opacos elementos que figuravam à esquerda:

(16)

beijólogo	barrigólogo	cigarrólogo	bucetólogo
boiolódromo	bodódromo	fumódromo	trepódromo
desconfiômetro	olhômetro	mancômetro	bichômetro
orkutólatra	cinemólatra	coca-cólatra	cuzólatra

A possibilidade de se ligarem a palavras provocou aumento na produtividade dos formativos e favoreceu o alargamento de seus significados¹⁰. A título de exemplificação, os dados em (17), analisados em Rondinini (2004) e em Rondinini & Gonçalves (2007), evidenciam que a noção básica de “agente especialista” (estudioso em X), típica das formações X-ólogo, como ‘africanólogo’, ‘cosmetólogo’ e ‘criminólogo’, estende-se para “apreciador especialista”, nomeando alguém que se caracteriza não somente pela apreciação e pela habitualidade, mas também por um alto grau de entendimento do que se especifica na base:

(17)

cervejólogo
funkólogo
mulherólogo
cigarrólogo
biscoitólogo

A constatação de que existe um modelo geral para a criação de palavras terminadas nesses elementos formais valida as proposições iniciais de que esses elementos não mais se comportam como radicais, deixando de funcionar como bases na formação de compostos. Essa pequena análise histórica, portanto, sustenta as ideias de Bauer (2005), uma vez que os cinco formativos aqui analisados, ao que tudo indica, transitaram, ao longo da história do português, da composição para a derivação, tendo hoje mais propriedades de derivados que de compostos.

5. Considerações Finais

Neste trabalho, procuramos mostrar que são tênues as fronteiras entre a composição e a derivação, fato que levou autores como Kastovsky (2009) a idealizar um

¹⁰ Ao separarmos as palavras por grupos de afinidade semântica, a fim de verificarmos a recorrência de seus significados, identificamos as seguintes acepções para os formativos em estudo. Observe-se que há uma clara relação de polissemia. Muitas delas, como agente/instrumento, são encontradas em outros sufixos da língua, como -eiro (MARINHO, 2004) e -dor (MARINHO, 2009):

-ólogo: agente especialista (historiólogo, biólogo), apreciador especialista (mulherólogo, cervejólogo);
-ógrafo: especialista prático (historiógrafo, biógrafo), instrumento (cardiógrafo, tomógrafo);
-ólatra: adorador (idólatra, astrólatra), viciado (alcólatra, chokolatra)
-ômetro: unidade de medida (centímetro), instrumento (barômetro, bafômetro), medidor (olhômetro)

continuum entre esses dois processos de formação de palavras. Com base em dados do português brasileiro, defendemos as ideias desse autor, pois construções com *splinters* ('tiotrocínio', 'sogradrasta') e recomposições ('eco-turismo', 'auto-esporte') de fato exibem características desses dois mecanismos e comprovam a existência de operações mais difusas e, por isso mesmo, menos prototípicas.

Outro ponto discutido no artigo, que também reforça a proposição de um *continuum* composição-derivação, é a mudança morfológica. Ao descrever o possível percurso histórico de cinco "radicais" eruditos de segunda posição – chamados, na literatura, de formas combinatórias finais (Warren, 1990; Kastovsky, 2009) – observamos que atualmente as formações em -dromo, -latra, -metro, -logo e -grafo apresentam atributos que nos levariam a rever a posição dos gramáticos tradicionais, para quem são compostas as palavras com esses constituintes.

Com base nos dados, procuramos mostrar que os elementos em análise formam palavras em português e não necessariamente se combinam com bases presas. Além disso, destacamos que a vogal antecedente, antes imprevisível, atualmente é sempre uma média posterior, o que nos leva a questionar se esse segmento é, de fato, uma vogal de ligação, como sugere as abordagens tradicionais, ou se, na verdade, é um constituinte fonológico dos formativos que se fixaram à direita.

O fato de três desses elementos também aparecerem na posição inicial, acreditamos, não invalida nossa hipótese, uma vez que:

- a) são pouco numerosos os exemplos, o que nos leva a afirmar ser rara a utilização dos formativos na margem direita da palavra;
- b) nenhuma forma recém-introduzida na língua faz uso de tais elementos na primeira posição; e, por isso mesmo,
- c) nenhum dos cinco constituintes em exame é passível de truncamento, fenômeno que ocorre, como mostram Gonçalves (2004, 2011) e Belchor (2009), apenas com radicais e prefixos, a exemplo de 'gastro-', 'eletro-', 'ultra-' (< 'gastroenterologista', 'eletrodoméstico', 'ultrassom'), de um lado', e 'bi-', 'ex-', 'pós-' (< 'bissexual', 'ex-marido', 'pós-graduação'), de outro;

À exceção de -metro e -grafo, ainda assim em pouquíssimos casos, nenhum dos demais se combina sozinho com um afixo, seja ele prefixo ou sufixo. Todas as características apresentadas neste texto apontam para um possível deslocamento no *continuum* derivação-composição, o que sinaliza uma mudança de estatuto morfológico, de radical a afixo. Para Bauer (2005), essa é uma forte evidência empírica de que não há um limite preciso entre esses dois processos de formação de palavras, já que elementos podem mudar de *status* morfológico ao longo do tempo.

Referências

- ALMEIDA, M. L. L. & GONÇALVES, C. A. Cruzamento vocabular no português brasileiro: aspectos morfo-fonológicos e semântico-cognitivos. **Revista Portuguesa de Humanidades**. Braga (Portugal), v. 8, n. 1, p. 151-170, 2004.
- ALVES, I. M. Aspectos da composição nominal em português. **ALFA – Revista de Linguística**, 20 (1): 7-15, 1987.
- ANDERSON, S. **A-morphous Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- ANDRADE, K. E. **Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do português do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- AULETE, C. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa – digital**. São Paulo: Lexikon, 2009.
- BASILIO, M. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. **Linguística** (Rio de Janeiro), v. 6, p. 11-26, 2010.
- BASILIO, M. A fusão vocabular como processo de formação de palavras. **Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN**. Niterói: UFF, 2005.
- BASILIO, M. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. **Veredas** (UFJF), Juiz de Fora, v. 1, p. 9-21, 1997.
- BAUER, L. The Borderline between Derivation and Compounding. In: DRESSLER, W. *et al.* (eds.). **Morphology and its Demarcations**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 97-108.

BELCHOR, A. P. V. O processo de recomposição no português do Brasil a partir de “auto” e “moto”. In: **III Seminário do NEMP: resumos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010, p. 8.

BELCHOR, A. P. V. **Construções de truncamento no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimalidade**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

BOOIJ, G. **Construction morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BOOIJ, G. Construction morphology and the lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HARBOUT, N. (eds.). **Selected proceedings of the 5th Décembrettes. Morphology in Toulouse**. Somerville MA.: Cascadilla Press, 2007, pp. 34-44.

BOOIJ, G. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, W. *et al.* (eds.). **Morphology and its Demarcations**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 109-131.

BOOIJ, G. & RUBACH, J. Morphological and prosodic domains in Lexical Phonology. **Phonology Yearbook** 1, 1- 27, 1984.

BUENO, F. da S. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Lisa, 1988.

BYBEE, J. **Morphology: a study of the relation between meaning and form**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CAMPOS, J. L. Formação de palavras derivadas da língua portuguesa. In: **RLP**, ano XVI, nº 68, 1935, pp. 1-20.

CHAVES DE MELO, G. **Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

COROMINAS, J. **Dicionário crítico etimológico**. Madrid: Editorial Gredos, 1987.

CORREIA, M. & LEMOS, L. S. P. **Inovação lexical em português**. Lisboa: Colibri, 2005.

COUTINHO, I. L. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1968.

CROFT, W. **Radical construction grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

CUNHA, C. F. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1975.

CUNHA, C. F. & CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

DUARTE, P. M. Contribuição para o estudo do pseudoprefixo em português. **D.E.L.T.A.**, Vol. 15, Nº 2, 1999, pp. 343-353.

DUARTE, P. M. Fronteiras lexicais: sugestão para uma delimitação dos prefixóides em português. **Revista Philologus**, Ano 14, Nº 42. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez., 2008, p. 101-117.

FABB, N. Compounding. In: Andrew Spencer & Arnold Zwicky (eds.). **The Handbook of Morphology**. Oxford: Blackwell, 1998, pp. 66-83.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, R. G. Uma abordagem morfossemântica das formações *tele-x* no português brasileiro. In: **VI JEL: programação e resumos**. Rio de Janeiro: UERJ, 2010, p. 2.

FURTADO, L. R. **Análise semântico-cognitiva das substituições sublexicais em português**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

GÓES, C. **Dicionário de raízes e cognatos da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: P. de Azevedo, 1945.

GÓES, C. **Dicionário de afixos e desinências**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A. V. **Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português**. São Paulo: Contexto, 2011.

GONÇALVES, C. A. V. Construções truncadas no português do Brasil: das abordagens tradicionais à análise por ranking de restrições. In: COLLISCHONN, G. & BATTISTI,

E. (Org.). **Língua e linguagem: perspectivas de investigação**. Porto Alegre: EDUCAT, 2011, pp. 293-327.

GONÇALVES, C. A. V. Retrospectiva dos estudos em Morfologia Prosódica: das circunscrições e regras à abordagem por ranking de restrições. **Alfa** (ILCSE/UNESP), v. 53, p. 195-221, 2009.

GONÇALVES, C. A. V. **Flexão e Derivação em português**. Rio de Janeiro:UFRJ, 2005.

GONÇALVES, C. A. V. Processos morfológicos não-concatenativos: formato prosódico e latitude funcional. **Alfa** (ILCSE/UNESP), Araraquara, v. 48, n. 2, p. 30-66, 2004.

GONÇALVES, C. A. V. Flexão e Derivação como categorias discretas: propostas e problemas. **Cadernos Seminal**. São Gonçalves, 1, 1999, pp. 21-49.

GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E.; ALMEIDA, M L. L. Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. **Linguística**: Rio de Janeiro, v. 6, p. 64-82, 2010.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

HECKLER, E. *et al.* **Dicionário morfológico da língua portuguesa**. Porto Alegre: UNISINOS, 1981.

IORGU, I. & MANOLIU, M. **Manual de lingüística românica**. Madrid: Gredos, 1980.

JOSEPH, B. Diachronic Morphology. In: Andrew Spencer & Arnold Zwick (eds.). **The handbook of morphology**. London: Basil Blackwell, 1998.

KATAMBA, F. Morphology. New York: Saint Martin Press, 1990.

KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: About Combining Forms, Classical Compounds and affixoids. In: R. W. McConchie *et al.* (eds.). **Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009, pp. 1-13.

KEMMER, S. Schemas and Lexical Blends. In: Cuickens, H. *et al.* (eds). **Motivation in Language**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003, pp. 234-249.

KIPARSKY, P. Lexical Morphology and phonology. In: I.S. Yang (ed.) **Linguistics in the Morning Calm**, 3 – 91. Seoul: Hanshin, 1982.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar: Theoretical Prerequisites**. Stanford: University Press, 1987.

LEHMANN, C. Grammaticalization and Related Changes in Contemporary German. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp.493-535.

LEHMANN, C. **Thought on grammaticalization**. Munich: Linom Europa, 1982.

LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. Porto alegre: Globo, 1978.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Conferência Editorial, 1967.

MARCHAND, H. *The Categories and Types of Present-day English Word-formation*. München: Beck, 1969.

MCCARTHY, J. & PRINCE, A. **Prosodic Morphology I – Constraint Interaction and Satisfaction**. Amherst and Rutgers: University of Massachusetts, 1993.

MARINHO, M. A. **Questões acerca das formações X-eiro do português do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Letras (Vernáculas)). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

MARINHO, M. A. **Do latim ao português: percurso histórico dos sufixos -DOR e -NTE**. 2009. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

MARTINET, A. **Grammaire Fonctionnelle du Français**. Paris: Didier, 1979.

MICHAËLLIS, C. **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

NAUMANN, B. & VOGEL, I. Derivation. In: BOOIJ, G., LEHMANN, C. & MUGDAN, J. (eds.). **Morphology**. Berlin: de Gruyter, 2000, pp. 929-942.

PETROPOULOU, E. On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek. In: **Patras Working Papers in Linguistics**. Atenas: vol.1, 2009, p. 40-58.

PIÑEROS, C. E. **Word-blending as a case of non-concatenative morphology in Spanish**. Rutgers: Rutgers University, 2000.

PIZA, M. T. **O continuum Flexão-Derivação em português e as categorias gênero, número e grau**. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras (Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

RALLI, A. Greek Deverbal Compounds with Bound Stems. **Journal of Southern Linguistics** 29 (1/2): 150-173, 2008.

RODRIGUES LAPA, M. **Estilística da Língua Portuguesa**. Lisboa: Seara, 1971.

RONDININI, R. B. *Formações X-ólogo e X-ógrafo no português: uma abordagem derivacional*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Letras, 2004.

RONDININI, R. B. & GONÇALVES, C. A. V. Formações X-logo e X-grafo: um caso de deslocamento da composição para a derivação? In: **Textos selecionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)**. Coimbra/Lisboa: Colibri, v. 22, p. 533-546, 2006.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SANDMANN, A. J. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1989.

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia & Labor, 1985.

SCALISE, S. *Generative Morphology*. Foris: Dordrecht, 1984.

SCHMIDT, G. D. Das Affixoid: Zur Notwendigkeit und Brauchbarkeit eines beliebten Zwischenbegriffs der Wortbildung. In: H. Gabriele (ed.). **Deutsche Lehnwortbildung**. Tübingen: Narr, 1987, 53-101.

SINGH, R. **Trubetzkoy's Orphan**. Amsterdam: Springer, 1997.

HACKEN, P. Derivation and Compounding. In: G. Booij, C. Lehmann & J. Mugdan (eds.). **Morphologie - Morphology: Ein Handbuch zur Flexion und Wortbildung - A Handbook on Inflection and WordFormation**. Berlin: Walter de Gruyter, 2000, pp. 349-360.

WARREN, B. The importance of combining forms. In: Dressler, Wolfgang U., Hans C. Luschützky Oskar E. Pfeiffer & John R. Rennison (eds.). **Contemporary morphology**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1990, pp. 111–132.